

INFORMAÇÃO E CRISE DA DEMOCRACIA:

CHRISTIAN MARAZZI E BYUNG-CHUL HAN*

INFORMATION AND DEMOCRACY CRISIS: CHRISTIAN MARAZZI AND BYUNG-CHUL HAN

Itamar Soares Veiga**

RESUMO:

Este artigo busca refletir sobre as contribuições de Christian Marazzi e Byung-Chul Han sobre os problemas da democracia a partir de duas perspectivas separadas historicamente. A perspectiva de Marazzi foi desenvolvida em meados da última década do século XX, e a perspectiva de Han foi desenvolvida em 2021. Procura-se investigar se há uma continuidade possível entre os dois autores. O desenvolvimento apresenta alguns tópicos sobre o entendimento de Marazzi a respeito das modificações no âmbito econômico e no âmbito político causadas pela entrada da comunicação. Em relação a Han, busca-se mostrar como a sociedade atual está influenciada pelo afluxo de informação, e ele, igualmente, incide no âmbito político. Han realiza uma espécie de avaliação da esfera pública. Por fim, a conclusão aponta que há uma consonância entre os temas estudados pelos dois autores e esta poderia ser compreendida como uma continuidade que levanta preocupações sobre o futuro da democracia.

PALAVRAS-CHAVE: Marazzi; comunicação; democracia; Han; informação.

ABSTRACT:

This article seeks to reflect on the contributions of Christian Marazzi and Byung-Chul Han on the problems of democracy from two historically separated perspectives. Marazzi's perspective was developed in the middle of the last decade of the twentieth century and Han's perspective was developed in 2021. The study seeks to investigate whether there is a possible continuity between the two authors. The development presents some topics about Marazzi's understanding of the changes in the economic and political spheres caused by the entry of communication. In relation to Han, we seek to show how the current society is influenced by the influx of information and it also affects the political sphere. Han carries out a kind of public sphere assessment. Finally, the conclusion points out that there is a consonance between the themes studied by the two authors and this could be understood as a continuity that raises concerns about the future of democracy.

KEYWORDS: Marazzi; communication; democracy; Han; information.

* Artigo recebido em 14/11/2022 e aprovado para publicação em 15/12/2022.

** Mestre e Doutor em filosofia pela PUCRS. Licenciado e Bacharel em filosofia pela UFRGS. Professor da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: inpesquisa@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Em 1994, Christian Marazzi publicou o seu livro *Il posto del cazini: la svolta linguistica dell'economia e i suoi effetti nella politica*¹, traduzido para o português em 2009. Marazzi analisou o impacto da informação nos processos de produção e, em seguida, apresentou vários questionamentos. Um desses questionamentos foi sobre a forma política que acompanhava essas mudanças econômicas. Marazzi diz que a política se encontra defasada perante as repercussões dos efeitos da informação no ciclo de produção.

Décadas mais tarde, em 2021, Byung-Chul Han publicou seu livro *Infokratie: Digitalisierung und die Krise der Demokratie*, traduzido para o português em 2022. Han tematiza a informação e a política na época atual. Pode-se dizer que Han percorre uma via de pensamento semelhante à de Marazzi. Em seu discurso impactante e sintético, ele apresenta perspectivas atuais sobre o que a comunicação, transformada em mera informação, causou no âmbito da prática política.

Este artigo pretende destacar alguns aspectos levantados por Christian Marazzi sobre a chegada da informação no processo econômico de produção e analisar esses aspectos sob a luz do presente por meio das posições de Byung-Chul Han. Em uma delimitação mais precisa, a pergunta condutora assume a seguinte forma: existe uma continuidade entre a análise feita por Marazzi, nos anos 90, e a análise da atualidade apresentada por Han?

A justificativa deste artigo se situa justamente na tentativa de identificar os elementos que caracterizariam uma transição e uma crise da esfera pública da democracia. E a hipótese apresentada é de que essas modificações se efetivaram a partir da mudança causada pela comunicação, a qual, primeiramente, entrou no âmbito da produção e depois no âmbito da vida cotidiana. Essas duas “entradas” procuram reunir dois autores que não possuem um âmbito teórico comum: Marazzi é um economista e trata temas do pós-operarismo, e Han é um filósofo que se doutorou em uma tese sobre temas heideggerianos.

Na primeira parte, vamos destacar alguns aspectos na obra de Marazzi, restando a questão pendente das relações políticas em uma nova época do capitalismo. Na segunda parte, vamos tratar sobre a análise de Han sobre o presente e caracterizar os motivos pelos quais a esfera pública foi prejudicada pela informação.

¹ Não é muito fácil descobrir a data da primeira edição do livro de Marazzi, mas o ano de 1994 está documentado no site da “L’eclat”: https://www.lyber-eclat.net/lyber/marazzi/place_des_chaussettes.html, consultado em 14 nov. 2022.

1 O FOCO NA ECONOMIA: CHRISTIAN MARAZZI

A chegada do século XXI mostra que a época contemporânea possui traços distintivos que a destacam frente ao seu legado moderno, ou mesmo em relação a aspectos modernos que predominavam ao longo do século XX. Um traço distintivo foi o maior desenvolvimento da comunicação dentro dos processos produtivos. Esta valorização da comunicação se tornou patente pelo uso de tecnologias, aumentando a produtividade. Nesse processo, que acabou por transbordar para a vida pessoal, alguns avanços tecnológicos do final do século XX foram cruciais. Um desses avanços foi o uso de computadores pessoais junto com a comunicação por meio da internet. E outro exemplo foram as modificações no setor industrial com a predominância de uma visão de estoque zero (*just in time*).

As consequências do processo tecnológico como um todo e a sua reunião com o ambiente produtivo e ainda, mais tarde, com a vida pessoal dos indivíduos, precisam ser analisadas de forma mais detida. Para iniciar essa análise, tal como anunciado na introdução acima, partimos do texto de Marazzi, pois o seu foco principal é justamente a chegada da comunicação no interior do ambiente produtivo, modificando os índices de produtividade.

Christian Marazzi afirma que a comunicação entra no ciclo de produção industrial e o modifica significativamente. Essa modificação tensiona os parâmetros herdados da época moderna. Com tais parâmetros se deveria medir a produtividade e determinar a relação entre trabalho e salário. Assim, a entrada da comunicação no ciclo produtivo altera a economia, pois agora começa a existir uma “economia imaterial” e, depois, altera outros setores, como a vida pessoal e as relações políticas. Em uma passagem, que pode ser considerada uma síntese da perspectiva inicial e econômica de Marazzi (2009, p. 58, grifo do autor), temos:

As tecnologias do pós-fordismo, pela sua própria natureza informático-comunicativa, geram efeitos intersetoriais decisivos, acelerando o aumento da produtividade global do sistema econômico. Os indicadores clássicos não conseguem mensurar os aumentos da produtividade induzidos, por exemplo, pelo uso dos leitores óticos dos preços nos caixas de supermercado (redução no tempo de rotação dos bens de consumo), como também não conseguem mensurar o crescimento da produtividade gerado pelo aumento da potência dos computadores e das redes de telecomunicação. Enquanto indicadores construídos para medir uma economia material, não conseguem fornecer dados estatísticos relativos ao *fluxo de informações* que está na base da nova economia imaterial.

Marazzi refere aqui à insuficiência dos “indicadores clássicos” sobre a “produtividade global do sistema econômico”, insuficiência constatável após a entrada das

relações comunicativas no processo de produção. Ele fornecerá um exemplo dessas relações alteradas por meio de uma análise do trabalho doméstico realizado pela mulher. Dentro desse tema, um dos focos de Marazzi é o caráter não mecânico, assinalado pela comunicação, no trabalho que é desenvolvido. Ele denominará este trabalho de “trabalho vivo”. E seu objetivo será esclarecer o que significa esse “trabalho vivo”:

O trabalho vivo reproduz, então, na esfera *privada* um contexto relacional *público*. Por isso mesmo, trata-se de um trabalho vivo cada vez mais de natureza *comunicativa* de símbolos, signos, imagens e representações deste mesmo contexto sociocultural. Para ser assim, a atividade doméstica da mulher passa a comportar um aumento de suas qualidades cognitivas, pois deve constantemente interpretar e *traduzir os signos e as informações* que derivam do contexto em que a família está inserida: convidar essa ou aquela pessoa para o jantar, decidir o que se vai cozinhar para “estar à altura” da situação, elaborar estratégias relacionais para facilitar a carreira do marido, investir na rede de relações socioculturais a fim de garantir aos filhos um ambiente favorável para educação deles. Desse modo, o trabalho vivo se torna cada vez menos material, *no sentido de mecânico e executivo*, e cada vez mais relacional-comunicativo, o que não diminui sua quantidade, mas *modifica sua subsistência*. (MARAZZI, 2009, p. 86-87, grifos do autor).

Marazzi amplia o seu interesse pelo “trabalho vivo” para além do ambiente doméstico. Ele mantém o foco econômico ao acentuar a dificuldade de não se ter parâmetros que possam dimensionar a “quantidade” desse tipo de trabalho. Na sua ampliação, ele começa a analisar a produção em um sentido “público” que incluirá uma perspectiva sobre a sociedade dos anos 90, prenunciadora da sociedade do século XXI. O trabalho, mesmo não sendo mais tão mecânico, não se torna menos “cansativo”. Vejamos essa ampliação feita por Marazzi, passando da análise das dificuldades de equiparação no trabalho doméstico entre mulher e homem aos efeitos no âmbito industrial. Em questão está sempre um elemento quantitativo, inescrutável, como aquele da relação entre tempo de trabalho e salário:

A quantidade de trabalho vivo não diminui, ao contrário, é aumentada, contradizendo todas as teorias do desenvolvimento tecnológico que estabelecem uma relação linear de causa e efeito entre inovações e trabalho necessário. A ciência incorporada nos maquinários ou no capital fixo permite eliminar a parte do *industrial* do trabalho, a material, executiva e mecânica. Paralelamente à redução do trabalho de tipo industrial, aumenta o comunicativo-relacional, que apela às qualidades cognitivas e interpretativas de quem trabalha em determinado contexto. O trabalho, por assim dizer, se “intelectualiza”, se “mentaliza”, permanecendo, contudo, *cansativo*. O cansaço do trabalho comunicativo-relacional não é mais apenas de tipo físico, mas também cerebral, como se pode ver pela proliferação de novas patologias ligadas ao estresse. (MARAZZI, 2009, p. 87, grifos do autor).

Essa contradição em “todas as teorias do desenvolvimento tecnológico” é destacada, também, por outro autor: Maurizio Lazzarato. A análise de Lazzarato se aproxima das reflexões de Marazzi, principalmente nos temas do pós-operaísmo, como por exemplo, no tema do “trabalho imaterial”. Sobre Marazzi e Lazzarato, inclui-se também Antonio Negri, em dois grupos que podem ser denominados de operaísmo e pós-operaísmo². Eles se caracterizam por uma crítica do capitalismo a partir de pontos de partida que não são os mesmos do marxismo não ortodoxo.

A contribuição de Lazzarato ocorre quando este analisa a reflexão de G. Simondon³ com o fito de construir a sua concepção de “máquina técnica”, subordinada à máquina de guerra tomada pelo capitalismo. Este trecho, retirado de um texto Lazzarato publicado em 2019, pode ser considerado algo que vai direto ao ponto:

A cada onda de inovação repete-se incansavelmente a crença da “liberação do tempo” pela técnica, pois a enorme produtividade dos sistemas das máquinas dispensaria a humanidade da necessidade do trabalho. Não apenas essas promessas de liberação nunca se realizaram como se converteram em seu contrário (as “máquinas” cronógrafas). Nenhuma máquina poderá nos “libertar”, nem libertar o tempo, pois ela própria deve ser liberta da sua subordinação. Simondon nos sugere que nunca é possível separar a máquina do humano e, sendo assim, de suas relações de poder e de suas estratégias. Seu funcionamento prevê sempre agenciamentos das máquinas e dos humanos, dos dispositivos e das estratégias, dos automatismos e dos objetivos políticos.

Podemos deduzir outra verdade da afirmação de Simondon. Se a máquina é escrava, deve ter um patrão, um escravagista, alguém para quem ela trabalha e cujas ordens executa! Simplificação inaceitável frente à “complexidade” do capitalismo de plataformas, digital, biocognitivo, computacional, neural (as siglas da complexidade são infinitas) ou despertar do sono (mais do que de um sonho) tecnológico no qual parecem ter mergulhado multidões de revolucionários? (LAZZARATO, 2019, p. 132).

Lazzarato procura desmitificar a referida “liberação do tempo” e as pretensões de mudança do mundo a partir de avanços tecnológicos, pretensões pertinentes a uma espécie de “ideologia” ou ideário dos simpatizantes do Vale do Silício⁴. O que está em jogo é a

² Uma síntese sobre o operaísmo e pós-operaísmo pode ser encontrada Mezzadra (2014).

³ Lazzarato considera que os autores Simondon, Deleuze e Guattari renovaram “o conceito de máquina”, permitindo que não sejamos presos em uma “armadilha das ‘revoluções tecnológicas’”. No caso de Simondon, ele cita a seguinte frase (do livro *Du mode d’existence des objets techniques*): “a máquina é um escravo que serve para fazer outros escravos” e completa: “A máquina pode nos fazer cair na escravidão porque ela própria está reduzida à condição de escrava. Se a máquina é uma escrava isso significa que ela não possui a *autonomia* e *independência* que as teorias da governança por algoritmos lhe atribuem.” (LAZZARATO, 2019, p. 131-132, grifos do autor).

⁴ Franklin Foer (2018, p. 21) ilustra este ideário de uma forma crítica ao tratar do tema do monopólio: “As maiores empresas do Vale do Silício não buscam o monopólio exclusivamente por uma questão de lucro [...]. A concentração de poder dessas empresas – nas redes que controlam – é tida como um bem social urgente, o precursor da harmonia global, uma condição necessária para desfazer o isolamento da humanidade.”

modificação do capitalismo e a sua transição para uma outra maneira de explorar a criação de valor. Nessa exploração acompanha a impossibilidade de “separar a máquina do humano”, que Lazzarato compreende a partir de Simondon e procura não permitir o seu obscurecimento.

Marazzi centra, também, o seu foco na tecnologia. Sob uma perspectiva inicialmente econômica, ele desnuda os processos de poder, procurando os motivos para os fenômenos do âmbito social. Ainda em meados da década de 90, ou seja, quando ainda estava em curso a vinculação entre computadores e os primeiros passos da internet, ele afirmou:

Por outro lado, o uso das novas tecnologias nada tem de óbvio. É verdade que um computador pode ser usado como uma máquina de escrever melhorada, mas também é verdade que o mesmo computador pode desencadear usos outros, múltiplos e extremamente produtivos. Isso depende do tipo de organização que se constrói “em torno” das novas tecnologias; depende dos programas de formação, da escola elementar até as politécnicas; das escolhas políticas para uso das novas tecnologias de modo a poupar gastos com trabalho ou, ao contrário, mantendo o volume de mão de obra ocupada, ou ainda as duas coisas juntas (por exemplo, reduzindo o pessoal fixo, mas recorrendo a trabalhadores de fora, trabalhando em tempo parcial). A lógica dessas decisões é, por enquanto, de tipo *oportunista*: em determinados casos convém demitir, noutros é preferível esperar (como fazem o setor bancário e o dos seguros) por razões de imagem; noutros ainda pode ser conveniente investir nas redes que conjugam unidades produtivas esparsas pelo mundo, criando vagas de trabalho no exterior em vez de mantê-las em seu país de origem. (MARRAZZI, 2009, p. 92-93, grifos do autor).

Essas novas “tecnologias” utilizam comunicações relacionais, as quais se consolidam no meio produtivo. Essa dimensão econômica, relativa às formas comunicativas, possui uma contrapartida política que se apresenta como um problema. O modo como Marazzi encaminha o seu questionamento para ressaltar os problemas políticos, da entrada das comunicações relacionais nos meios de produção, será associado com os problemas políticos da nossa atualidade, décadas após o livro de Marazzi. Isso será enfocado na segunda seção, quando trataremos, mais especificamente, das bases da democracia.

Mas devemos convergir esse ponto de partida econômico de Marazzi para o seu posicionamento sobre os efeitos da comunicação relacional na área da prática política. Nesse caso, o foco é a democracia, tal como ela é concebida e praticada, tendo por base uma economia que era fordista. Já na época dos anos 90, o efeito desses elementos comunicacionais na política surgem sob forma de uma crise. De certo modo, a crise se transpõe de uma para a outra esfera. As palavras de Marazzi (2009, p.38, grifos do autor) são as seguintes:

Intui-se aqui em que sentido a entrada da comunicação na produção coloca em crise, ou, seja como for, acaba problematizando, a forma política da democracia herdada

do fordismo. A sobreposição entre agir instrumental e comunicativo e a coincidência entre produção e comunicação tornam no fundo complexa a passagem institucional dos interesses individuais para os coletivos. A passagem, tipicamente partidária da *representação* dos interesses da categoria, classe ou casta, grupo social ou étnico para o plano da mediação institucional, apresenta-se *ab origine* cada vez mais difícil. Cada um tende a representar por si mesmo; o aprendizado das técnicas comunicativas no interior do processo de trabalho produtivo parece ser suficiente para salvaguardar os próprios interesses (assim ensina Berlusconi). O empreendedor, precisamente *enquanto empreendedor*, se fazer político, sujeito de governo, passando por cima da separação, típica da democracia representativa, entre a esfera econômica e a política.

Destaca-se aqui, a emergência de um individualismo ou mesmo de um atomismo personalizado. E é este atomismo que deverá ainda se desenvolver muito a partir dos anos 90, tornando ainda mais complexa “a passagem institucional dos interesses individuais para os coletivos”. Nesse quesito, a qualificação como “institucional” representará as pressões sobre os governos, presente nas práticas políticas das democracias ainda sob o formato econômico de um fordismo tardio.

Na ênfase dada ao individualismo, Marazzi menciona a tendência de se “representar por si mesmo”, unindo tal tendência ao rótulo do “empreendedor”, uma palavra que se repetirá frequentemente nas duas décadas do século XX. A advertência do autor sobre as consequências dessa atitude de uma espécie de autorrepresentação é o desaparecimento da diferença entre a “esfera econômica” e “a esfera política”.

Essas modificações no âmbito econômico acabam por pressionar e exigir uma determinada forma de governo. Em outras palavras, por existir a sociedade e por existir um governo, é legítimo que se pense em como se lida com a atividade econômica, como direcioná-la, inclusive quando ela sofre alterações por causa das relações comunicativas. Para tanto, é preciso ter respostas políticas. Mas a resposta política é difícil. Marazzi (2009, p. 39, grifo do autor) afirma o seguinte:

A função, agora, tornada indispensável, de mediação linguístico-comunicativa dentro de cada operação produtiva determina a necessidade absoluta de alguma solução política, de alguma forma de governo da atividade econômica; mas as soluções políticas que surgem aqui e ali parecem estar destinadas a se esvanecer, tendo uma vida breve, pelo simples fato de constituírem soluções *circunscritas* à esfera do agir instrumental desse ou daquele setor empresarial, desse ou daquele interesse econômico.

O fato de que essas “soluções políticas” se esvançam, explicita a desqualificação da “separação típica da democracia representativa” mencionada na citação mais anterior. Por causa dessa desqualificação, as atividades econômicas espelham-se no campo da política, e a

prática política começa a ser instrumentalizada como objeto passível de uma administração, tal como uma empresa. Reunido a isso está o atomismo do indivíduo, valorizado em sua iniciativa como “empreendedor”.

Essa qualidade do indivíduo como, supostamente, um “empreendedor” faz com que o campo político se apresente apenas com “soluções circunscritas”, pois estas estão de acordo com a própria atomização do indivíduo. Falta à própria política um suporte fático para que ela possa fornecer uma das “soluções políticas” diferente da esfera instrumental. Justamente porque essa esfera instrumental, vinculada à produção, se situa em uma espécie de crise permanente, o que, em outras palavras, significa uma demanda permanente, sempre modificada no que tange às suas necessidades.

Marazzi converge sua compreensão sobre a atividade comunicativa na separação das esferas econômica e política, incluindo o mencionado atomismo do indivíduo “empreendedor”, para um diagnóstico sobre a crise da democracia representativa. Dentro de cada um desses tópicos há determinados modos de agir, e estes se encontram em “sobreposição”:

O que é característico do regime pós-fordista é a crise das instituições clássicas da democracia representativa, em primeiro lugar do Parlamento. Essa crise tem sua origem na sobreposição de agir produtivo e agir comunicativo, no fato de que a entrada na produção da comunicação rompeu com a separação clássica entre economia e a esfera política, *con-fundindo* atividades instrumentais e atividades político-comunicativas, fígando processos sociais e políticos que escapam desse modo à racionalidade política clássica. (MARAZZI, 2009, p. 148-149, grifo do autor).

Esse diagnóstico permite avançar para o próximo questionamento que terá como foco a esfera pública. Este é particularmente importante, tal como veremos na próxima seção, porque a esfera pública é muito necessária à democracia. O questionamento é sobre as tecnologias que cercam o “agir comunicativo” e que se intensificam a ponto de servir como elementos condicionadores do comportamento. O condicionamento, ao qual podemos estar submetidos em função do uso das tecnologias comunicativas, por exemplo, em função do uso das redes sociais, se torna fator de ameaça potencial à convivência democrática. Mas, ainda, na década de 90, Marazzi não tinha em vista esses fenômenos algorítmicos de personalização, como aqueles da Amazon, do Facebook, do Twitter e do Google. Nesse sentido, ele aponta uma esperança de se “produzir” uma “comunidade política”. Nesse contexto dos anos 90, as palavras de Marazzi (2009, p.149-150, grifos do autor) são as seguintes:

As tecnologias comunicativas não são instrumentos de “exílio do mundo”, desvios reversíveis da realidade. São, ao contrário, dispositivos que concorrem para *fazer o mundo* da nossa experiência social, do nosso *estar em comum*. Se no berlusconismo “estar em comum” ou viver na *esfera pública* significa estar nela por meio da publicidade, se isso é sem dúvida um dos seus aspectos mais odiosos, então é de outro modo que se “estar em comum” que se necessita é de outra *linguagem*, que se precisa uma linguagem que saiba produzir uma esfera pública que seja *comunidade política*.

Enfim, esta primeira seção procurou mostrar alguns aspectos da obra de Marazzi, traduzida para o português sob o título *O lugar das meias*. Esta seleção e esta análise tiveram como propósito apontar a crise da democracia a partir de um fator econômico: a emergência de relações comunicativas nos processos de produção.

Em primeiro lugar, essas relações geram uma produtividade que não consegue ser quantificada por causa dos parâmetros obsoletos herdados do fordismo. Em segundo lugar, a entrada de um agir comunicativo no processo produtivo gera uma instrumentalização da própria comunicação. Em terceiro lugar, o agir comunicativo instrumental se volta para o indivíduo, atomizando-o e criando a figura do “empreendedor” em tempo integral.

A consequência é um rompimento da separação tradicional entre economia e política, tendo em vista um efeito prejudicial para a esfera pública. É preciso, segundo Marazzi, pensar “uma outra linguagem” que permita subsistir relações políticas de acordo com a nova situação da economia e da esfera pública. Este último tema nos fornece ensejo para a análise de Byung-Chul Han sobre a democracia e informação.

2- A INFORMAÇÃO COMO NÚCLEO DA CRISE: BYUNG-CHUL HAN

Uma das principais preocupações de Byung-Chul Han, em seu livro *Infocracia* (2022), é sobre a esfera pública e como esta tem sofrido mudanças em função da tecnologia utilizada nas sociedades. Han faz uma breve síntese sobre a evolução das formas de comunicação que acompanharam a democracia representativa. Justamente essas formas de comunicação é que foram se modificando, sendo assim ele perfaz uma sequência: inicialmente era o livro, depois a mídia de massa e, por fim, a informação digital imediata como nos tempos atuais.

As mudanças, dentro da esfera pública, afetaram diretamente a prática da democracia. O breve apanhado histórico de Han possui este foco duplo entre a democracia e comunicação. Embora, breve, seu apanhado histórico auxilia a compreensão do estado atual

da democracia e da convivência comunicativa próxima aos acontecimentos do século XXI. Portanto, vamos percorrer essa ordem histórica.

Primeiramente, temos o resgate da etapa histórica mais próxima da origem da democracia representativa: “No início da democracia, mídia determinante era o livro. Este estabelece um discurso racional do esclarecimento. A esfera pública discursiva, essencial para a democracia, se deve ao público leitor pensante.” (HAN, 2022, p. 25). Ele acrescenta um exemplo que são os embates entre os discursos de Lincoln e S. Douglas com uma plateia composta por pessoas que liam. Han destaca a mídia da época: o livro. Mas, nesse caso, próximo da origem da democracia, Han explora seu exemplo sobre os discursos de Lincoln e Douglas, afirmando que o livro exige capacidade de concentração e um uso maior do “discurso racional” (HAN, 2022, p. 27).

Depois, Han trata das mídias de massa e usa o termo “midiocracia” para se referir a elas. Na época das mídias de massa, a política é realizada por políticos que fazem uma “performance” como é o caso de Ronald Reagan e dos primeiros mandatos de Berlusconi. Han menciona Reagan para expor o que significa “midiocracia”:

A midiocracia é, ao mesmo tempo, uma *teatrocracia*. A política se esgota em encenações midiáticas de massa. No apogeu da midiocracia, o ator Ronald Reagan foi eleito presidente dos Estados Unidos. Nos debates televisivos entre oponentes, não se trata de argumentos, mas de *performance*. O tempo de fala dos candidatos também foi radicalmente encurtado. O estilo do discurso se altera. Quem melhor se puser em cena é quem ganha a eleição. O discurso degrada-se em show e propaganda. Conteúdos políticos têm um papel cada vez menor. A política perde, desse modo, sua substância, erodida em uma imagem telecrática da política. (HAN, 2022, p.30, grifos do autor).

Essa referência final a uma “imagem telecrática” procura situar qual era o eixo das mídias de massa. Nesse eixo, a TV tinha um protagonismo, por isso a tela. Naquele momento, estávamos nos distanciando da mídia do livro, pertinente a uma esfera pública dos tempos do esclarecimento (*Aufklärung*). As mídias de massa devem ser consideradas uma contrapartida política do que foi a entrada da comunicação nos processos produtivos. Nesse sentido, Marazzi menciona também Berlusconi como vimos na seção anterior.

No caso de Han, temos uma análise que assume um deter-se na própria mídia, perseguindo um foco mais específico que não é o mesmo da comunicação, mas sim a “informação”. Por exemplo, no caso do livro, não temos apenas a informação, mas, também, a necessidade de uma capacidade de concentração, do exercício do raciocínio e, em retribuição a isso, a possibilidade de acompanhar as mais de seis horas do duelo de discursos

entre Lincoln e Stephen Douglas. No caso da mídia de massa, não temos apenas a informação, mas também o espetáculo das performances, inclusive dos políticos, e o assistir passivo diante dos aparelhos televisivos. Finalmente, no caso da nossa época, temos o predomínio da pura informação, desacompanhada, rápida, imediata, e em grande quantidade. Han (2022, p. 7, grifos do autor) se refere à época atual, inteiramente focada na informação, deste modo:

Chamamos regime de informação a forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência artificial determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos. Em oposição ao regime disciplinar, não são *corpos e energias* que são explorados, mas *informações e dados*. Não é, então, a posse de meios de produção que é decisiva para o ganho de poder, mas o acesso a dados utilizados para vigilância, controle e prognóstico de comportamentos psicopolíticos. O regime de informação está acoplado ao capitalismo da informação, que se desenvolve em capitalismo de vigilância e que degrada os seres humanos em gado, *em animais de consumo e dados*.

Essa descrição do “regime de informação” se aproxima da perspectiva de Marazzi quando este se refere ao capitalismo. Marazzi enfoca justamente o período de transição no qual o capitalismo se volta ao aspecto comunicacional da produção. Na análise dele, a forma comunicativa afeta também a política, com o modo de agir comunicativo da *performance*, causando problemas à esfera pública. As aproximações são mais estreitas até aqui, pois a presença do capitalismo em Han não é predominante e sim pontual.

Finalmente, para adentrar ao terceiro período histórico das épocas deste duplo eixo — democracia e formas de comunicação —, nós podemos estabelecer distinções entre a época da mídia de massa e a atualidade. Han (2022, p.41-42, grifos do autor) nos fornece uma comparação entre as duas épocas:

A midiocracia degrada a campanha eleitoral em uma *guerra de encenação* de mídias de massa. O discurso é substituído por um show eficaz ao público. A televisão como mídia principal da midiocracia funciona como palco político. Na infocracia, por sua vez, a campanha eleitoral se degenera em uma *guerra de informação*. O *Twitter* não é *um palco midiocrático, mas uma arena infocrática*. Para Trump não se trata de fazer uma boa *performance*. Ao contrário, ele conduz uma guerra implacável da informação.

A “guerra implacável da informação” fornece um formato para a disputa em se manter no foco e colocar a sua própria pauta para a captura da atenção. Esse formato, no qual a informação é o núcleo, abre o acesso à nossa própria época. E a principal característica dessa época é o consumo e a produção de informação. Ou seja, não se trata do discurso (em que a mídia do livro é a base) e não se trata da *performance* (como nas mídias de massa). A

informação por si só acarreta efeitos particulares correspondentes, os quais podem ser expostos. Esses efeitos são característicos de uma espécie de “nova minoridade”, tal como nos sugere as palavras de Han (2022, p. 33-34, grifo do autor):

Teletelas e monitores são substituídos hoje pelos *touchscreen*. O novo meio de submissão é o *smartphone*. No regime de informação, as pessoas não são mais telespectadoras passivas, que se rendem ao entretenimento. São emissores ativos. Produzem e consomem, de modo permanente, informações. A embriaguez de comunicação que assume, pois, formas viciadas retém as pessoas em uma nova minoridade. A fórmula da submissão do regime da informação é a seguinte: *comunicamo-nos até morrer*.

Em mais um trecho, o autor ainda acompanha o tema das mídias de massa para começar a apresentar os problemas da nossa época atual. Alguns elementos podem ser centralizados como o modo de funcionamento da esfera pública, a qual é um espaço de ação comunicativa, e isso é necessário para a prática da democracia. Mas a esfera pública se altera em função da mídia dedicada ao espectro digital personalizado. Essa alteração interage com a prática democrática, correspondentemente, perturbando-a. Han (2022, p. 49) caracteriza a esfera pública assim:

À rede digital falta a estrutura de anfiteatro das mídias de massa convencionais, que focalizam temas relevantes para a sociedade como um todo e guiam a atenção de toda a população. As forças centrífugas que lhe são inerentes fazem com que a esfera pública decaia em enxames efêmeros, fugidios, guiados por interesses. Torna-se mais difícil, com isso, a ação comunicativa, que necessita de esferas públicas estáveis e amplas.

A discussão sobre os motivos de *por que* “se torna mais difícil” a comunicação que estabiliza a esfera pública está relacionada com o fluxo da informação. A informação segue agora uma via muito mais independente, ou desacompanhada, sem uma relação com a mídia do livro e sem uma relação com a mídia de massa, como a televisão. Isso tem um resultado amplo que atinge não somente a democracia, mas, também, a relação entre fatos e verdade (*fake news*). Portanto, a informação em sua característica mais básica, ou seja, imediata e independente, é um dos motivos pelos quais se torna “mais difícil” a ação comunicativa, necessária à esfera pública das democracias. Han (2022, p. 45-46, grifos do autor) expõe esses aspectos deste modo:

A democracia é lenta, prolixa e tediosa. A propagação viral de informações, a *infodemia*, prejudica, assim, de modo massivo o processo democrático. Argumentos

e fundamentações não cabem em tuítes ou memes que se propagam e multiplicam em velocidade viral. A coerência lógica que caracteriza o discurso é estranha à mídia viral. Informações têm sua própria lógica, sua própria temporalidade, *sua própria dignidade para além da verdade e da mentira. Fake news também são, num primeiro momento, informações.* Antes de instaurar o processo de verificação, já tiveram *todo efeito*. Informações ultrapassam num piscar de olhos a verdade e esta não lhes pode alcançar. Está condenada ao fracasso, portanto, a tentativa de, com a verdade, querer lutar contra a infodemia. Esta é *resistente à verdade*.

Outro motivo que torna “mais difícil” a comunicação é dividido em dois temas associados: o “outro” (no sentido de “alteridade”) e o discurso (o discurso depende do “outro”). Ambos são necessários para uma estabilidade da esfera pública. Han aborda esses dois tópicos e afirma que há um desaparecimento do “outro”, e isso de uma forma radicalizada como na existência de “infobolhas”, as quais agregam um engajamento pessoal maior do que aquele dos filtros de bolhas em mecanismos de busca⁵. Juntamente a isso, os espaços discursivos começam a ser atingidos, porque não temos mais o “outro”. No lugar dele, resta uma espécie de “autodoutrinação”:

A crise atual da ação comunicativa pode ser atribuída ao metanível de *o outro está desaparecendo*. A desapareção do outro significa o fim do discurso. Toma da opinião a racionalidade comunicativa. A expulsão do outro reforça a coação da autopropaganda de doutrinar a si mesmo com suas próprias ideias. Essa autodoutrinação produz infobolhas autistas que dificultam a ação comunicativa. Aumentando a coação à autopropaganda, espaços discursivos ficam cada vez mais recalçados por câmeras de eco, nas quais eu escuto, sobretudo a mim mesmo falar. (HAN, 2022, p. 52, grifo do autor).

O tema do discurso traz consigo a discussão dos “espaços discursivos” que se estreitam, “recalçados”. Eles são substituídos por comportamentos individuais. Dentro dessa dualidade entre discurso e o “outro”, temos a insurgência de comportamentos dirigidos a si próprio, como a “autopropaganda” e a “autodoutrinação”. Estes possuem como núcleo o uso da opinião que adquire mais relevo do que o próprio discurso. O discurso, além do “outro”, depende, também, de uma racionalidade. E a própria racionalidade não é favorecida nas esferas públicas em vias de desaparecimento e sob o predomínio da informação imediata que visa causar um efeito para promover a “autopropaganda”, a rigor não há uma “escuta atenta”.

Han aprofunda um pouco mais a respeito do discurso e apresenta uma condição prévia para que este seja realizado. Na observação de Han, há um elemento importante que abrange não somente o comportamento usual das pessoas, mas também um elemento psicológico que é a construção da identidade pessoal. Cabe lembrar que os algoritmos, que

⁵ Destacados por Eli Pariser (2012) em seu livro *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*.

regem a vida digital atual, trabalham com um *feedback* externo que visa o nível pessoal de satisfação. Sendo assim, a construção da identidade própria se torna vulnerável em um processo possível e invisível de condicionamento⁶. Han tem uma perspectiva filosófica sobre o assunto, o que nos permite agregar mais elementos ao cenário:

O discurso pressupõe a separação entre opinião e identidade próprias. As pessoas que não têm essa capacidade discursiva aderem de modo desesperado à sua opinião, pois senão ficariam ameaçadas de perderem a sua identidade. Por esse motivo, a tentativa de dissuadi-las de suas convicções está condenada ao fracasso. Não escutam o *outro*, *não escutam atentamente*. O discurso, contudo, é uma práxis *da escuta atenta*. A crise da democracia é, antes que mais nada, uma *crise da escuta atenta*. (HAN, 2022, p. 52-53, grifos do autor).

Esse cenário amplo inclui, além do tema da identidade pessoal, outros temas que podem ser aprofundados: a importância das convicções; a relação entre fatos e verdade; e a falta de uma “escuta atenta”. Essa “escuta atenta” faz parte do processo racional que está prejudicado pelo excesso de informação rápida, característico da época atual.

Finalmente, em um pequeno trecho, Han parece sintetizar a sua posição a respeito da esfera pública. Nesse caso, ele fala do fluxo de informações. Este não é mais do âmbito privado para o público, mas, por diversos canais, visa sempre mais o âmbito privado. Ao mesmo tempo, Han parece sugerir a mercantilização das ações pretensamente conjuntas, as quais não são as de uma massa mobilizada, mas sim de grupos de pessoas, semelhantes a enxames⁷. Ele afirma o seguinte:

A comunicação digital provoca uma reversão no fluxo de informações que tem efeitos destrutivos para o processo democrático. Informações são propagadas sem que passem pelo espaço público. São produzidas em espaços privados, enviadas a espaços privados. A rede não tem forma, assim, nenhuma esfera pública. Mídias sociais intensificam essa *comunicação sem comunidade*. Não se pode formar esfera pública política de influenciadores e seguidores. *Communities* digitais são uma forma mercadoriana da comunidade. Na realidade são *commodities*. Não são capazes de *ação política*. (HAN, 2022, p. 49, grifos do autor).

⁶ Isso pode ser encontrado no livro de Franklin Foer (2018, p. 107): “Os algoritmos são um problema novo para a democracia. As empresas de tecnologia se vangloriam, sem muita vergonha, de como conseguem conduzir os usuários a um comportamento mais virtuoso – como nos induzem a clicar, ler, comprar ou até votar. São estratégias muito poderosas, porque não vemos a mão que nos conduz. Não sabemos como a informação foi moldada para nos instigar. Apesar de todo o alarde do Vale do Silício sobre a missão de construir um mundo mais transparente, os ideais dessas empresas terminam no umbral de seus escritórios.”

⁷ Para uma ilustração sobre este tópico pode-se ver outro livro de Byung-Chul Han (2018), *No enxame*, especialmente as páginas 25-34.

No excesso de informações a que estamos submetidos, a “rede não tem forma” e, assim, “não tem nenhuma esfera pública”. Quando, na verdade, a democracia precisa de uma esfera pública, a mais qualificada possível, essa qualificação determina como será a convivência política. Mas fluxo de informações não é mais do privado para o público e, talvez, não exista mais exatamente este âmbito “público”.

Diante disso podemos concluir que Han nos mostrou que a democracia está carente de uma esfera pública adequada, pois o agir comunicativo, segundo ele, se encontra em dificuldades justamente por não ter uma esfera pública estável e ampla. Isso se deve ao caráter predominante da informação, como um elemento que preenche hoje a tarefa histórica das mídias (sem a necessidade da mídia livro e sem necessidade da mídia de massa – mídias anteriores); e se deve também ao desaparecimento do outro, com prejuízo para a “escuta atenta”, atingindo o discurso como um todo. A esfera pública fica, então, descaracterizada e, por isso mesmo, a democracia continua sob ameaça, faltando-lhe a substância interior.

CONCLUSÃO

Este artigo analisou alguns aspectos da prestigiada obra de Christian Marazzi de 1994 e, também, analisou alguns aspectos do curto livro de Byung-Chul Han, escrito em 2021. Para conduzir esta reflexão procuramos responder a seguinte pergunta: existe uma continuidade entre a análise feita por Marazzi, nos anos 90, e a análise da atualidade apresentada por Han?

Na primeira seção chegamos às seguintes conclusões: o fator determinante na crise da democracia foi de cunho econômico e descrito como a entrada da comunicação nos processos produtivos. Para Marazzi, esse fator econômico se espelhou para além dos processos produtivos e promoveu modificações no agir comunicativo da esfera pública. As modificações do agir comunicativo favoreceram uma nova forma que se caracterizou por ser instrumental. Por fim, restou a indagação sobre a possibilidade de “uma outra linguagem”, portanto, de um agir comunicativo diferente que permitisse refazer as relações políticas da esfera pública. De certo modo, Marazzi mantinha essa esperança na década de 90.

Na segunda seção, a análise de alguns aspectos do livro de Han nos permitiu concluir que na época atual estamos convivendo com os efeitos mais extremos de uma esfera pública abalada desde os anos 90. O núcleo desse abalo é a comunicação ou, mais precisamente no caso de Han, a informação. Ele constata que a esfera pública, tão necessária para a

democracia, está desaparecendo devido ao caráter predominante da informação. Os problemas oriundos de uma mídia baseada apenas na pura informação, portanto prescindindo do livro e prescindindo da necessidade de uma “massa mobilizada”, convergem para a ação do indivíduo, sem necessidade de uma reflexão profunda ou de uma “escuta atenta”, características do discurso. A ação do indivíduo se traduz em um comportamento atomizado que não reconhece o “outro” (a alteridade). Nisso, a esfera pública erode e emergem ameaças ao futuro da democracia.

Finalmente, podemos agora responder a nossa pergunta condutora. A continuidade da análise feita por Marazzi, nos anos 90, e a obra recente de Byung-Chul Han mostra que não conseguimos ainda encontrar uma “outra linguagem” que pudesse ser compatível com a reconstrução das relações políticas da esfera pública. Na realidade, o livro de Han mostra que estamos convivendo com um prolongamento dos problemas dessa ausência de linguagem, o que não nos permite retomar as relações políticas de uma forma adequada à prática democrática. Sem dúvida, no momento atual se fazem sentir não somente as alterações promovidas pela comunicação no setor produtivo, mas também outras modificações na forma de estar no mundo dos indivíduos. Essas modificações assinalam talvez o fim da esfera pública, como sugere Han. Portanto, a resposta para a pergunta sobre a continuidade entre os dois autores é afirmativa. Ela se explicita na atomização do agir comunicativo e se explicita na consecução dos problemas da esfera pública de uma forma extrema. O benefício desta análise talvez seja o de sabermos um pouco mais sobre as origens dos nossos problemas políticos atuais.

REFERÊNCIAS

FOER, Franklin. **O mundo que não pensa**: a humanidade diante do perigo real da extinção do homo sapiens. Tradução de Débora Fleck. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Tradução de Gabriel S. Philipson. Petrópolis: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Tradução Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

LAZZARATO, Maurizio. **Fascismo ou revolução?** O neoliberalismo em chave estratégica. Tradução Takashi Wakamatsu e Fernando Sheibe. São Paulo: N-1 edições, 2019.

MARAZZI, Christian. **O lugar das meias**: a virada linguística da economia e seus efeitos sobre a política. Tradução Paulo Domenech Oneto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MEZZADRA, S. Operaísmo e pós-operaísmo. Tradução de Bruno Cava. **Revista Lugar Comum**, n. 42, p. 85-92, 25 ago. 2014. Disponível em: <https://uninomade.net/lugarcomum/42>. Acesso em: 03 nov. 2022.

PARISER, E. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Tradução Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.